

Marcello bate forte em ACM

O encontro dos governadores do PSDB com o presidente Fernando Henrique Cardoso, logo depois do Natal, teve um único e preciso objetivo: mostrar ao PFL que o governo não está só, não depende exclusivamente dos pefelistas nem está disposto a engolir sapos de qualquer tamanho e espessura. Principalmente aqueles produzidos pelo senador Antônio Carlos Magalhães, que, para o governador Marcello Alencar, são fruto de “fanfarronadas”.

“As alianças hoje não são mais ideológicas e sim de conveniência política. Portanto, não podem ficar submetidas aos humores e oscilações provocadas por brigas locais”, diz Marcello Alencar referindo-se especificamente à questão do Banco Econômico e às reações de ACM por causa da crise da pasta rosa.

Marcello não gostou das ironias que ACM dirigiu a ele, por causa da defesa da tese de que o governo Fernando Henrique não pode ficar refém do PFL. ACM disse que o governador do Rio deveria ter o mesmo rigor quanto aos reféns dos seqüestradores.

“A comparação é absolutamente infeliz”, rebate Marcello, que ironiza: “Em momento algum os governadores pensaram em formar um cordão de proteção em torno do presidente para protegê-lo de seqüestradores ou assaltantes; apenas achamos que não é justo deixá-lo sozinho em crises criadas por questiúnculas.”

O governador, no entanto, ressalva a posição do PFL na aliança de sustentação ao governo. Defende sua manutenção, garante que hoje o Planalto não pode prescindir do partido que ajudou a eleger o presidente mas, como Ruth Cardoso, deixa claro que existem *pefelês* e *pefelês*. Elogia e enaltece o comportamento de gente como Marco Maciel — “que tem-nos ajudado enormemente” —, Luís Eduardo Magalhães e Jorge Bornhausen.

Mas, nem quando fala de Luís Eduardo ameniza a análise em relação ao pai: “Às vezes tenho a sensação de que ACM atrapalha o filho na medida em que é impulsivo.”

Na opinião dele, não dá para abrir mão do PFL mas também é chegada a hora de renovar os horizontes e ampliar a aliança. “Não podemos ficar algemados a um aliado que oscila nem submetidos a fanfarronadas como se estivessemos acuados e com medo de que a Bahia possa colocar todo o governo a perder. A tática dos dossiês é velha, a do ataque permanente conheço bem, porque lidei muito tempo com Brizola”, lembra.

O governador diz que tanto ele quanto seus companheiros do PSDB — que governam São Paulo, Minas Gerais e Ceará — cometeram o pecado da omissão ao se preocupar apenas com as crises de suas administrações, deixando de fazer política no plano nacional ao lado do presidente. “Somos homens experientes e temos obrigação de atuar politicamente.”

**“Às vezes
tenho a
sensação de
que ACM
atrapalha o
filho.” Marcello
Alencar.**

Isso quer dizer que, de agora em diante, haverá duas novidades no cenário da política: os governadores assumirão o papel que deveria ser ocupado pelos ministros na defesa do governo e os outros aliados serão procurados — pelo jeito, bastante acarinhados — para conferir mais liberdade ao governo.

Ficou combinado que os governadores estarão freqüentemente em Brasília, funcionando como um Conselho Político informal para ajudar o presidente a administrar politicamente os aliados, e Fernando Henrique também irá mais aos estados. Ou seja, será o peso econômico de São Paulo, Rio, Minas e Rio Grande do Sul (Antônio Brito hoje mais tucano que pemedebista) contra o peso político do Nordeste.

Do jeito que as coisas estão, na visão dos participantes da reunião de terça-feira no Alvorada, o que baliza atos e discursos do governo acaba sendo a intensidade da reação do PFL. Além disso, antes de decidir fechar o cerco político em torno do presidente, os governadores chegaram à conclusão de que, durante toda a crise da pasta rosa, quem ocupou os espaços de opinião foi o PFL e não o presidente e seu partido.

“E, afinal, nós somos o poder, temos o comando e precisamos ser as referências, e não os aliados”, acrescenta Marcello.

Existe a convicção entre os governadores de que o PFL não virará a mesa nem jogará por terra uma aliança que é vantajosa para ele e que, da parte do governo, pode ser estabelecida uma relação mais próxima com partidos como o PPB e o PPS. O primeiro tem 90 votos, e o segundo, peso político.

Ontem mesmo Marcello Alencar se preparava para procurar Francisco Dornelles, do PPB, e Sérgio Arouca, do PPS. Nessa aproximação, o governador não revela se está incluída a reforma ministerial e a escolha do articulador, embora considere interessantes ambas as providências.

Quanto à reforma, prefere defender mais abertamente uma mudança de postura dos ministros. “O presidente é um homem ameno, não é de estar fazendo críticas públicas a seus auxiliares, que, por isso mesmo, precisam ter mais unidade e deixar de lado a timidez.”

Quanto ao articulador, procura evitar críticas pessoais a quem quer que seja, mas não nutre total simpatia por uma solução paulista. “São Paulo já tem muito no governo. Além disso, os paulistas são mais técnicos.” Defende para o cargo a escolha de um político que seja dono de “grande elasticidade”.

Um mineiro, talvez?

Talvez, mas é apenas uma possibilidade.